# No Silêncio da Montanha

*A sabedoria habita no silêncio*

Martinho da Silva

---

ISBN: 978-85-5573-041-2

Luiz Alves – SC
2017

# NO SILÊNCIO DA MONTANHA

Conheça o Nobre Espirito do Menino Edésio

A fabulosa história de Edésio Marcos da Silva, acima de tudo, é uma emocionante aventura que se passa no silêncio das Montanhas do Braço Francês, onde sábios espíritos fazem morada, trazendo-nos ricos ensinamentos, mostrando que a batalha entre o bem e o mal pode destruir a humanidade ou construir um mundo novo repleto de amor.

Conheça essa história e faça sua escolha!

# PRÓLOGO

"No Silêncio da Montanha" é uma obra com identidade. Romance baseado em fatos reais possui uma espiritualidade tão forte e envolvente que, ao percorrer os olhos sobre as palavras é impossível não sentir emoção. A descrição minuciosa dos locais e ações transporta o leitor pelo tempo e espaço, até as montanhas do francês e o impele a envolver-se nos fatos de tal forma, que passa a sentir o êxtase, a indignação, a alegria, a dor dos personagens e, sem conseguir evitar, a alma chora, os olhos choram!

O escritor percorre silenciosamente, de forma firme e incisiva, entre palavras e espaços, adentrando nos recônditos dos corações, buscando ser fiel e cabal às lembranças em sua narrativa, de modo que é impossível não desejar conhecer o local, as pessoas, as montanhas.

Ao terminar a leitura resta a sensação de que Edésio faz parte da vida do leitor e que o pássaro de asas brilhantes existe e pode se fazer ouvir.

Obra impar no que se refere à originalidade, personalidade e doçura, jamais será esquecida por quem fizer sua leitura.

Emocionante... Terna... Envolvente!

***Rosi Ana Stopa***

***Bióloga- Professora- Escrivã de Polícia e Artista Plástica***

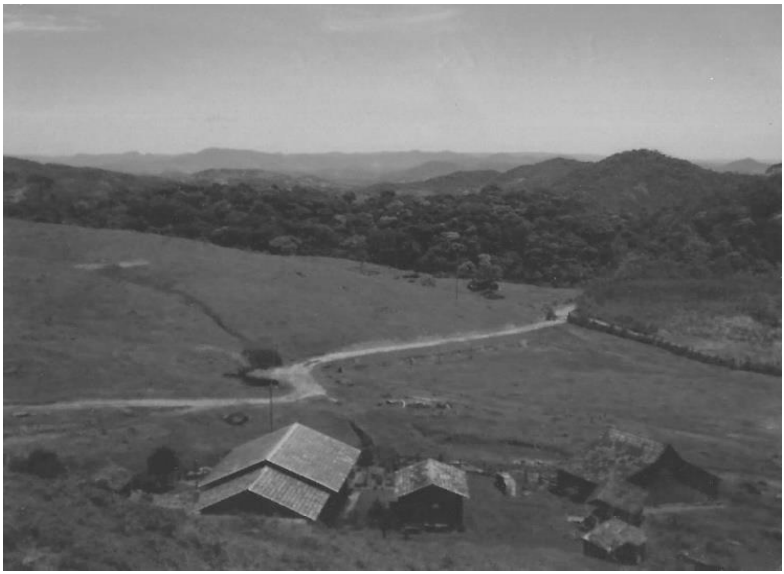
## AGRADECIMENTOS

Àqueles que de alguma forma colaboraram na elaboração desta obra, desejo que sintam-se inseridos nela e que sejam divulgadores incansáveis desta história.

Seguindo o exemplo de EDÉSIO, quero dizer apenas um singelo e sincero muito obrigado!

## Dedicatória

Esta obra é dedicada a memória de Edésio Marcos da Silva.
Nascido no dia 29 de janeiro de 1966 e assassinado na estrada a caminho de casa aos dezessete anos no dia 02 de outubro de 1983.
Quem o conheceu, mesmo que por apenas um instante, ou teve a felicidade de cruzar o olhar com o dele, mesmo que por apenas um piscar de pálpebra, ou que tão somente o viu a caminhar, mesmo que distante, certamentese lembrará de um jovem possuidor de um espírito puro, em cujo coração só havia paz e o amor.
2016 é o ano do cinquentenário de EDÉSIO e a ele rendemos todas as homenagens.
É simples imaginarmos o que EDESIO espera de nós.



***Vista da casa do Sr. Conrado. O campo de futebol onde Edésio jogava com os primos e amigos.***

***Hoje está tudo mudado, diferente, estranho, assim como mudou nossas vidas após os acontecimentos com Edésio.***

***Nunca mais fomos os mesmos.***

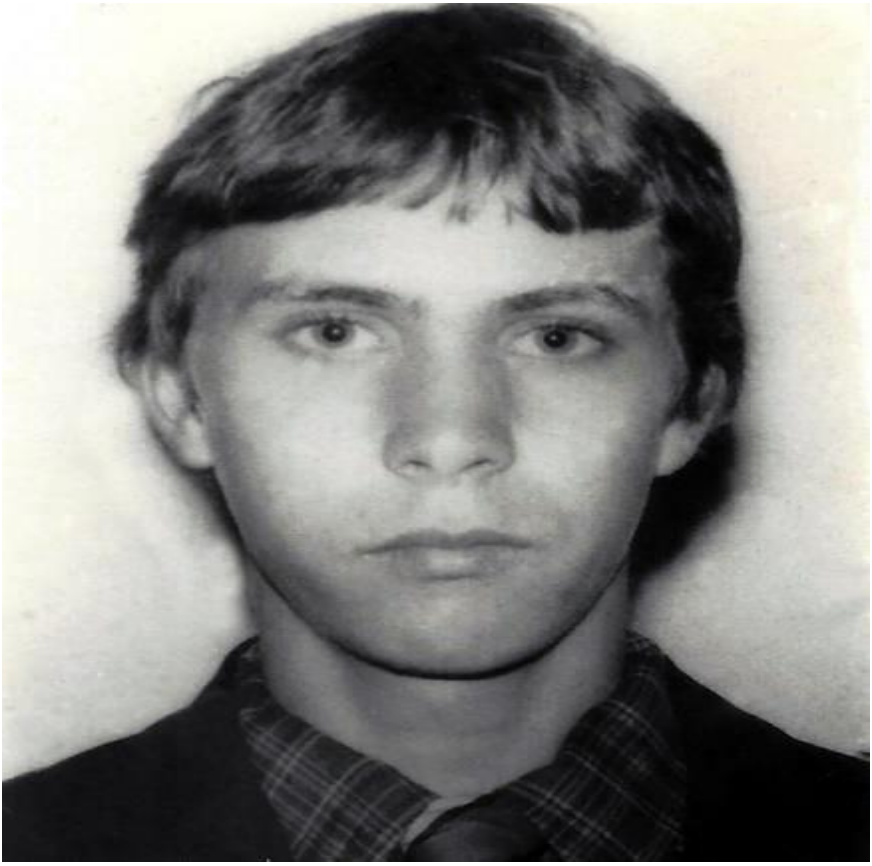
# COMENTÁRIOS

Em tempos de desamor, o autor consegue reunir solidariedade, emoção e recordações no recesso do coração que, a despeito do sofrimento que dilacera, reedita o alerta de Che Guevara: " Sin perder la ternura jamás!"

***Carlyle - Escritor***

Como tio do menino Edésio, personagem principal desta emocionante história, sou testemunha de seu coração puro, de sua personalidade humilde e cativante que sensibilizava o mais rude coração. Martinho foi muito feliz na descrição das admiráveis virtudes de Edésio. Acompanhei seus pais naqueles dias derradeiros, que inspirados no que falou Jesus no alto da cruz, "Pai, perdoa-os, pois, não sabem o que fazem", também perdoaram, mostrando a seus algozes a face do bem, confiando a Deus o julgamento. Uma obra tão bem escrita que as atitudes dos personagens falam no lugar das palavras. E, para compensar a tragédia, o desfecho de um romance com final feliz, que grita de alegria, enquanto protesta aos que tentaram boicotar seu amor no passado quando tinham uma montanha por testemunha de que não se pode tentar controlar o amor. "Amas e fazes o que queres", diz Santo Agostinho.

***Irineu do Nascimento – Empresário e Autor do livro "Corações que Nutrem Amar"***



***Edésio aos quinze anos***

## *A casa onde Edesio viveu*





*É assim que me recordo de Edésio. Nosso vínculo ia muito além do sangue, da amizade, ele me trasmitia serenidade.*

# CAPÍTULO 1

# UM PEDIDO ESPECIAL

Estamos no dia vinte e nove de novembro de 2015, dia do aniversário de tio Délcio. Me foi solicitado ir até as Montanhas do Francês para buscar o tio Benito e levá-lo à Blumenau, onde os irmãos Silva se reuniriam na casa do Tio Délcio, naquela tarde de domingo.

Assim que chegamos fiz o convite e tio Benito foi logo dizendo com toda delicadeza de seu coração:

- Eu gostaria muito, mas, eu não posso ir. Amanhã irei à Blumenau no médico e essas coisas me cansam muito. Dê um abraço no tio Délcio por mim.

Tio Benito sempre foi um homem forte. Agora apresentava uma aparência cansada em consequência dos anos labutados em busca de dignidade.

Sofria pelas saudades que muitas vezes lhe afligia o coração no silêncio das noites, ou nos domingos chuvosos sem fim.

Mas, compreendia os desígnios de Deus. Sentia-se honrado por ter sido um escolhido. A sabedoria lhe adentrara o

coração atingindo o esconderijo da alma onde o universo faz morada e habita uma fé inabalável.

Por isso, não culpava ninguém. Apenas vivia. Apenas respirava. Apenas perdoava.

Sua sabedoria, conquistada nas incessantes e dignas batalhas do dia a dia de uma vida longa, dura e honesta, lhe mostrava que todas aquelas lutas, de fato, representavam os propósitos de Deus. Isso lhe acalentava a alma.

O perdão é o que lhe fazia bem, o conduzia à frente, alimentava suas forças para viver feliz, criando novos sonhos, conquistando novos horizontes, galgando novas montanhas, até o dia da despedida final.

Levou algum tempo, mas aprendeu com seu filho Edésio que perdoar é o que vale a pena nessa vida, é o que nos dá saúde, paz e sossego ao coração.

Dentro de poucos meses tio Benito estará completando oitenta anos, e os viveu carregando um corpo magro e franzino, o que levava muitos a prejulgá-lo como uma pessoa frágil. Ledo engano. Era um homem de uma força incomum e desproporcional, um homem valente, corajoso, destemido, de opinião firme, religioso, amoroso, fiel, que entre os erros e acertos comuns a todos aqueles que querem construir, ao invés de destruir, chegou até ali com a tranquila sensação do dever cumprido.

Tudo isso, entretanto, lhe trouxe, durante a caminhada, a fama de pessoa de atitude, que não atura desaforos.

Mas, o grande mérito de sua saúde e longevidade, se dava pelo fato de jamais guardar mágoas, perdoar tudo, sendo esse um grande valor que a todos deveria importar.

Valor que Edésio ensinou a todos que cruzaram seu caminho, porém, poucos foram suficientemente humildes para aprender com ele que errar é humano, julgar é condenável, perdoar é divino, sábio, nobre e grandioso. Pedir perdão é exemplo de humildade. Tanto pedir perdão quanto perdoar, são atitudes dignas da admiração de Deus.

Naquela tarde de novembro do ano de 2015, estava ao meu ladouma pessoa muito especial para mim. Estamos juntos há poucos anos. Deus tinha um propósito para conosco.

Desde a infância e adolescência, não nos sentíamos primos de segundo grau, como de fato somos, contudo, usaram esse argumento para nos separar, no entanto, havia algo muito mais significativo que não nos era perceptível. Por fim, conseguiram nos distanciar sabotando nossa felicidade.

Jovens e inexperientes, resignamo-nos a crer que aquele era o destino que nos cabia. Sem lutas e questionamentos, seguimos cada qual seu caminho.

Estávamos errados em nossos sentimentos? Um dia a verdade veio à tona e o mundo a nossa volta virou de cabeça para baixo.

Prefiro acreditar que não existem pessoas más, apenas pessoas desinformadas da verdade. Acredito num Deus justo, bondoso e misericordioso. Peço perdão a todos pelos erros cometidos, pelos que magoei e também se por desventura venha

a errar novamente. Edésio ensinava que o ato do perdão não é fácil, porém, só o perdão verdadeiro pode trazer a paz aos corações.

Todavia, a luta foi dura e superamos longos anos de muitas angústias para chegar até aqui.

Meu tio Benito conhecia aquela história. Há algum tempo havia lhe contado em razão do que Edésio representava naquele contexto, da importância dele em nossa vida.

Naquela tarde, com seu modo singelo de ser, ele perguntou à esposa:

- Paula, você vai falar com o sobrinho sobre aquele assunto que falamos outro dia?

Tia Paula, a mãe de Edésio, esposa de tio Benito, levava os dias transtornada pela saudade. Sua alma nutria de fé o seu corpo frágil, dolorido e martirizado pelo sofrer que o destino lhe havia reservado.

Era uma mulher magra e sua aparência serena, escondia o grande cansaço que a vida lhe afligia.

Nós, seres humanos errantes e pecadores, costumamos pensar que tamanha dor nenhuma mãe deveria sentir.

Sim, isso teria lógica se considerarmos meramente as questões e sentimentos humanos, no entanto, a nossa existência, a razão de nossa vinda ao universo, o sentido da vida, é tão amplo e dignificante que nossa diminuta condição de mortais falíveis, não nos permite compreender. De forma que é

Essa dor só será realmente assimilada e compreendida por nós, se formos grandiosamente humildes para aceitar a existência de um Deus de amor e invisível; se vivermos conforme seus mandamentos; se mostrarmos a face do bem; se deixarmos nos mover pela força da fé que transforma pedra em pão.

O Deus do Amor coloca as pessoas no mundo com um propósito. Edésio foi uma das nobres ferramentas de tais desígnios, e cumpriu sua missão, apesar de sua pouca idade e do pouco tempo que teve para isso.

Talvez Tia Paula ainda não compreendesse a grandiosidade de sua própria existência e dos propósitos do amor de Deus já realizados em sua vida.

No entanto, sua servidão, sua submissão e humildade para com Deus, Nosso Senhor, não lhe permitia ver o sublime ato que foi e que é a sua vida.

Com o coração cheio de amor, a voz repleta de complacente e meiga ternura, transmitida através de seu carinhoso sorriso, fixou seu olhar em mim com tanta profundidade, que minha alma estremeceu, ao ouvir o som de suas palavras:

-Lembra o que você escreveu sobre o Edésio há trinta e dois anos? - Acenei positivamente com a cabeça e ela continuou:

- Pois é. Outro dia estiveram aqui algumas pessoas e falávamos sobre o Edésio, então mostrei os escritos. Uma mulher leu em voz alta. Ela se emocionou muito com o que

estava escrito - A voz de tia Paula embargou.

- Meu querido! – Continuou ela - Há muito tempo quero te pedir isso. Será que você pode transcrever isso em algo mais adequado para guardarmos uma lembraça de meu Edésio? Talvez voce possa escrever alguma mais, falar mais sobre ele, sobre o aconteceu...para que nossos netos e bisnetos o conheçam mesmo depois que partirmos...

Quando aquelas palavras atingiram meus tímpanos, proferidas com a suavidade de plumas soltas ao vento, um leve arrepio percorreu meu corpo, como se alguém estivesse a sussurrar em minha alma, como um eco que viaja no Silêncio da Montanha, trazendo mensagens de um lugar distante, levando- me a lembrar de outrora, de dias vividos naqueles sóis e naquelas luas, quando Edésio me aconselhava, fazendo presságios sobre nossas vidas.

Tia Paula não pôde mais falar. As lágrimas escorreram por entre os vales rugosos de seu rosto. Buscou refugiu num abraço apertado.

Fiquei em silêncio por segundos.

Rcebi o pedido de uma mãe. Contudo, aquele não foi um pedido qualquer, mas, um apelo. Algo que eu, apenas como ser humano, como pai, como simples mortal, não consegui mensurar e compreender num primeiro momento.

Foram necessários longos instantes para que meu cérebro processasse a informação, e meu subconsciente a absorvesse e mostrasse por que me coube tal missão.

É fundamental refletir, entender e sentir o significado de um pedido desta magnitude. Só o tempo me fará compreender a razão de tudo, me fará ver que os propósitos de Deus são tão

palpáveis e simples, que na maioria das vezes passam despercebidos em nossas vidas.

É preciso ser mãe. Talvez mais que isso. É preciso acreditar num Deus amoroso, invisível, poderoso, crer em forças ocultas, vindas das profundezas desconhecidas da alma, onde mora o universo infinito, onde se encontra um tesouro chamado fé, que é o que torna tudo possível e onde acontecem os milagres.

Eu não soube dimensionar o tamanho daquela tarefa, não percebi a responsabilidade que me cabia.

Seria a decisão certa dizer sim? Às vezes, é preciso saber dizer não.

Ao expressar minha resposta àquele inusitado pedido, feito por tia Paula, não me ocorria que aquilo tudo me faria reviver momentos distantes e fatos do passado que me levariam a recordações de acontecimentos que estavam estacionados na linha do tempo, abrindo feridas cicatrizadas em corações marcados pelo vazio, pela saudade.

Entretanto, tudo estava esquecido na mente da maioria das pessoas. Era preciso sim, fazer algo.

Pensei em Edésio e de coração aberto, tomei a decisão.

Deus sempre guiará os passos daqueles que agem com coragem e serenidade, na busca da verdade e da justiça. Deus saberá guiar meus passos! Assim sendo, respondi firmemente:

- Será uma honra para mim, escrever sobre o Edésio!

Ao ouvir meu sim, ela apertou o peito com as duas mãos e fechando os olhos soltou todo o ar dos pulmões, libertando-se. Sentiu-se aliviada, parecia mais eliz. E isso foi muito bom.

Tio Benito acompanhou sem palavras o pedido que sua esposa me fazia. Eu sei por quê. Não queria chorar. Ele já chorara muito.

Ela foi até o quarto e trouxe a carteira de identidade de Edésio, fotos e, cinco folhas de papel ofício amareladas pelo tempo.

Naquelas páginas estava escrito algo muito significativo e importante que foi datilografado em máquina de escrever muito antiga, com muitos rabiscos a caneta.

No olhar ela trazia um leve sorriso. Agora haveria algo a mais pelo quê viver. Meu comprometimento em escrever sobre Edésio, certamente, criara nela uma grande expectativa. Já estava ansiosa por saber como ficaria o trabalho quando concluído.

Agora ela tinha um motivo para continuar a respirar e para respirar mais feliz. Isso era bom!

Dei uma ligeira olhada em tudo. Despedimo-nos e fomos ao aniversário do tio Délcio que acontecia em Blumenau, cerca de trinta quilômetros dali.

Minha mãe e meu pai estavam lá, acompanhados apenas de meu irmão mais velho, Felício e sua esposa Edna.

Quando a festa do tio Délcio findou, nos dirigimos para nossa residência em Barra Velha na praia de Itajuba. Entrei em casa e imediatamente me pus a olhar os papéis.

Havia um álbum fotos do Edésio, Felício, Vilson (meu irmçao do meio) e Luiz que é irmão de Edésio, entre outros primos, primas e amigos da época de nossa juventude.

Aquelas fotos e papéis contam uma história incrível sobre a vida de muitas pessoas.

Ao desvencilhar aquele passado, as emoções e sentimentos aflorariam como nunca. Era preciso estar consciente disso.

Tomei as folhas de papel amareladas, nas quais escrevi há trinta e três anos, quando passava por um momento extremamente dramático e comecei a ler.

Logo nas primeiras linhas meus olhos lacrimejaram, mas, prossegui...

Eram palavras fortes, pesadas, doloridas, emocionantes, tristes como um eloquente grito que ecoa no silêncio da montanha em busca de justiça. Mas, também traziam uma mensagem de esperança ao final.

Fiquei orgulhoso ao perceber a maturidade diante de uma situação pessoal tão inquietante, e a consciência que tinha naquela idade, ainda tão jovem; de como via o mundo a minha volta em relação a questões políticas e sociais, sobre as quais até hoje me questiono.

Contudo, eu senti que alguém me observava, guiando meus passo. Senti a presença de Edésio, e novamente aquela sensação de ligação, que há muito tempo se foi, e era tão constante quando crianças. Não senti medo. Ele saberia o que fazer e conduziria tudo de modo a dar certo, da mesma forma que fazia quando éramos crianças e perambulávamos pelas florestas, nos aprofundávamos naqueles grotões, ouvindo os sons dos pássaros no silêncio das montanhas do francês.

Fui até a sacada do apartamento. À leste, ouvi o som das ondas do mar sussurrarem mensagens aos meus ouvidos. À Oeste, os ventos do morro do Baú zuniam suas canções pelas frestas lembrando-me que não muito além daquele cume encontram-se as montanhas do Braço Francês.

Ouvia a voz suave e lenta de meu Nonno Natinho chegar aos meus ouvidos, quando nas tardes de verão, sentado sob a sombra da magestosa figueira lá no pasto largava a enxada para nos falar sobre as lendas dos índios que outrora viveram naquelas paragens.

Como uma canção suave e romântica que faz sonhar, senti que todas aquelas coisas me fortaleciam e vinham a mim oriundas do pio de um pássaro de assas brilhantes, sobre cuja lenda nonno Natinho nos falava com frequência, dizia ele que o pássaro era detentor de uma mística força espiritual. Meu coraçao me dizia que naquele momento ele sobrevoava as montanhas do francês.



***Tio Benito e tia Paula no dia 02.06.16. Ele com 80 e ela com 77 ano***

## CAPITULO 2

# AS MONTANHAS DO FRANCÊS

Você conhece as montanhas do Braço Francês?

Imagine-se num lugar paradisíaco. Imagine-se no alto de uma montanha tomada por uma floresta que ainda respira a mais notável vida original. Assim era em 1983!

Um pequeno pedaço da floresta Atlântica que heroicamente resistia, mostrando toda a sua magnitude, opulência, vigor e força. Onde os vales, os córregos, remansos e cachoeiras escondidas nas entranhas das matas, faziam tilintar o coração dos apaixonados pela vida verdadeira.

Imagine-se no topo da mais alta montanha do Francês, a montanha maior. Então, imagine-se a contemplar o horizonte. O que você vê? Ah! Eu vejo um mundo maravilhoso.

Vejo o Norte onde se encontram as cidades de Jaraguá, Joinville e tantas outras. Mais além, vejo todo um pujante país que busca encontrar-se entre as montanhas e vales das discórdias, entre as planícies e os planaltos da paz e da serenidade, o Brasil.

Ao observar do alto da montanha maior há um pequeno e lindo vale que se estende abaixo onde se pode ver uma estradinha a serpentear, chegando ao Serafim, passando em

frente à igreja de São João Batista, por onde passa o ônibus que vem e vai à Blumenau e à Itajaí, com parada no centro de nossa pequena cidade, município de Luiz Alves, que fica a quinze quilômetros das montanhas do francês.

Aquela estradinha que vem desde o Serafim, há muito tempo foi aberta a picareta por meu avô e muitos outros abnegados, numa batalha que nos dias de hoje chamaríamos de loucura.

Ela termina no topo das montanhas, na divisa do Braço Francês com o Ribeirão Máximo, uma comunidade colonizada essencialmente por imigrantes alemães.

Afinal, o que é preciso para ser feliz? Para alguns não basta um milhão de reais. Para meu avô, parecia bastar aquela estrada.

Sim, ele lutou muito por ela. Era importante para um mínimo de dignidade. Mas, havia muito mais para conquistar e, para isso é preciso dar o primeiro passo.

Haviam muitos sonhos guardados e, ele sabia que sua vida passaria e não conseguiria realizar um palmo do necessário para melhorar a vida das pessoas, porém, faria sua parte, faria o que estava ao seu alcance. Ele nada fazia para si, fazia para os outros, para as gerações vindouras.

Ele sabia que iria morrer, pois todos morrerão um dia, mas, parece que algumas pessoas esquecem-se desse detalhe.

É assim que se constrói um mundo bom e se chega ao fim da vida com dignidade, com o coração sereno por ter feito o melhor. É assim que se é feliz!

Algumas águas que nascem naquelas montanhas correm para leste, para o Ribeirão Máximo, criando outras histórias.

Naquele ponto, a estradinha desaparece e dá lugar a uma deslumbrante vista do vale do Ribeirão Máximo, estendendo-se até o oceano. Dali vislumbra-se uma silhueta do mar de Navegantes. E quando as nuvens decidem abrir suas cortinas para um céu de brigadeiro, permitem que apreciemos as praias, bem ao fundo, enquadradas por aquele verde inebriante.

Ali, no alto das montanhas, viverem muitas familias, como a familia Altini, de Angelo Altini, cuja casa era última do Alto Frances, no fim da estrada. Já não vivem mais lá.

Descendo a estradinha adentra-se à propriedade da familia Ruon. Em função do abandono do poder público para com aquele lugar, deixou-o para trás em busca de dignidade.

Do alto da montanha maior se avista quase tudo lá em baixo. De lá se pode ver a casa de madeira que pertencia ao meus pais.

Um córrego desliza sorrateiro, cantarolando infinitamente uma serena cantiga que me fazia sonhar e percorre um pasto de românticas e verdejantes colinas, as quais enriquecem o visual do pequeno vale.

Antigamente uma ponte de pedras encaixadas, obra de arte feita por meu Nonno Natinho, dava acesso à casa de meus pais, os quais não mais reside lá e a pequena ponte de pedras foi soterrada por vorazes tratores, por alguem sem conscienia da arte, da cultura e da história. Infelezmente isso se repete.

Próximo da porteira, um campo de futebol avivava o lugar aos domingos, quando eu, Edésio, Luiz e os meus irmãos Vilson e Felício, juntamente com todos os vizinhos, recebíamos visitas para jogar futebol. A colina do pasto virava arquibancada e a estradinha ficava estreita para estacionar os carros. Tudo isso acabou.

Seguindo pela estrada chaga-se a casa construída por Nonno Natinho. Nela vivia Edésio, tio Benito, tia Paula, o irmão de Edesio, Luiz, com seus filhos e esposa. Muitas pessoas passaram por aquela casa desde que meu avô a construiu, ela tem muitas histórias.

Em frente a essa casa há um engenho da época da imigração o qual dá um aspecto nostálgico e pitoresco à propriedade. Esse engenho, construidi por meu avo e sua familia, outrora movido pelas forças da água do córrego, serviu a comunidade das montanhas do francês, quando meu pai e meu tio dividiam-no para fazer melado, farinhas e outros produtos.

A estradinha de terra em dias de chuva virava um lamaçal, algo medieval e inaceitável.

La em 1983 Arcelino Ruon ainda morava lá e sua casa ficava logo abaixo do Edesio. O pais do Arcelino, Barba Tino e Ermelinda Ruon moravam ali perto, tinham seis filhos, porém, somente os gêmeos José e Arcangelo permaneceram em casa, os demais casaram e seguiram em busca de uma vida melhor. A família de Barba Tino Ruon morou ali durante quase toda a vida dos patriarcas, mudando-se há poucos anos para junto da estrada geral do Braço Fances, local onde ambos faleceram.